

História e patrimonialização da edição: notas finais

Daniel Melo

CHAM, FCSH, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA, UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Em jeito de conclusão, o capítulo inicial da primeira parte deste livro serviu para, estudando a importância do editor fundador da Romano Torres, restituir a evolução do meio em que se inseria num período de grandes transformações no mundo da edição, a segunda metade de Oitocentos. Foi assim possível evidenciar a emergência da figura do editor, sua crescente profissionalização e centralidade no conjunto dos ofícios do livro, ainda que inicialmente estivesse presa a combinações funcionais, em especial a do editor-tipógrafo.

O capítulo 2 incidiu nos passos decisivos da estruturação empresarial, demonstrando a relevância decisiva da estabilidade na gestão para a longevidade institucional.

No capítulo 3 analisaram-se as redes interpessoais em que se moveu a editora e seu impacto, a começar pela dinastia familiar, e passando pela articulação com outras empresas familiares, como a Litografia Amorim. Estas redes ancoravam-se noutras redes, como a que ligava professores e alunos a encomendas e trajectos profissionais, como p. e. no mundo da ilustração. Procurou-se outrossim demonstrar a importância da persistência de fortes laços com alguns fornecedores, como aquela litografia ou a Casa Graham, fornecedora de papel.

Nos capítulos 4 e 5 buscou-se aferir o projecto, a estratégia e o perfil editoriais da Romano Torres através dum estudo estatístico do seu catálogo, no primeiro texto, e duma incursão de cariz qualitativo, no segundo texto, perspectivando o catálogo enquanto peça duma estruturação mais complexa da oferta editorial. Nesta estruturação tiveram relevância as colecções e outros modos de apresentação (v.g., a divisão por autores e temas, p.e. da história pátria); as modalidades de venda; os formatos; a publicidade; os gostos pessoais...

Abordou-se também o papel dos ilustradores, visto o destaque conferido à ilustração pela Romano Torres e a escassez deste tipo de estudos no país. Para o efeito, no capítulo 6 estudou-se a colecção de ilustrações originais do espólio do herdeiro¹ à luz de percursos e correntes artísticas. A linha gráfica da editora foi híbrida, plasmada numa mescla de influências naturalistas, modernistas e de correntes da segunda metade do século XX.

Julgou-se ainda importante contribuir para o estudo das redes e circulação dos livros a partir da experiência e do posicionamento da Romano Torres face aos mercados, ao Estado e à sociedade civil. No capítulo 7 reflectiu-se assim sobre os vários tempos por detrás da equação poder, economia e cultura: o do projecto editorial (matriz, evolução e adaptação) e sua interacção com os contextos institucional (encomendas, estatutos), socioeconómico (acesso a mercados e circuitos internacionais do livro) e sociocultural (expectativas dos públicos) e as conjunturas políticas, da I República à ditadura salazarista e, de novo, à democracia. Constatou-se o peso das encomendas institucionais nas vendas da empresa e no desenho da sua estratégia editorial, as relações com representantes institucionais do sector (v.g., associações de classe e feiras), assim como o papel das livrarias e dos distribuidores, entre outros agentes. A análise dum conjunto de resenhas críticas realizadas a livros da editora por distintos especialistas², permitiu apurar uma fortuna crítica positiva no cômputo final, mormente nas áreas mais expectáveis («clássicos da literatura universal» e história de Portugal), incidindo as críticas negativas sobretudo na área da literatura sentimental, pelo seu teor alienante (deformação da realidade) ou de pouca qualidade. Também se atendeu ao lado negro da relação com o Estado, revelando exemplos de acções estatais com impacto negativo na edição, em especial a censura aos livros no salazarismo.

A partir das análises fornecidas pelos capítulos da primeira parte deste livro, podemos aceder a um perfil da editora Romano Torres e, com ele, do próprio universo editorial dos tempos em que esta evoluiu. Esse olhar polifacetado restitui uma editora vocacionada para o grande público e cuja identidade transgride fronteiras identitárias, articulando elementos das culturas de elite, popular e de massas: nas influências e projecto; nos autores e temas eleitos; nos formatos e públicos-alvo; na linha gráfica; no modo como combinou tradução, adaptação e pseudo-autoria, etc. Neste texto final, mais do que listar todas as conclusões parciais (inviável dado o formato de síntese desta colecção), intenta-se sistematizar a informação carreada numa proposta interpretativa sobre a identidade da editora e o seu lugar no espaço da edição. Nesse sentido, e para efeitos duma maior compreensão do enquadramento institucional e cultural, retoma-se o texto

1 O qual não está depositado no arquivo histórico da Romano Torres mas que se digitalizou na sua maioria.

2 Oriundos de revistas literárias e culturais, comités de leitura, etc., parte deles sendo peritos actuais.

específico de Bourdieu para repensar o caso português a partir da estrutura do campo dos editores de literatura na França de 1995/6 e das 16 variáveis que a compõem (Bourdieu, 1999: 7-10). Embora esta seja uma realidade com diferenças relevantes e relativa a um período fora do nosso âmbito temporal, ainda assim cremos que pode contribuir para clarificarmos algumas relações importantes, como a relação entre cultura e negócio, grandes e pequenas editoras, etc.

Assim, e face a uma divisão entre grandes e pequenas editoras aí constante, cremos que será mais apropriado apresentar a Romano Torres como uma editora intermédia, pois juntou características de ambos os grupos. Assim, teve um estatuto jurídico modesto (afim da SARL, sociedade comercial em nome colectivo/ sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, mas sempre com o capital social detido por familiares); teve um estatuto financeiro médio (devido ao seu volume de negócios e à acumulação dalgum capital social relevante, por via dos contactos com fornecedores e à criação de listas de assinantes e de redes de difusores e colaboradores), embora tivesse poucos dirigentes; teve sempre um total relativamente modesto de assalariados (situando-se a meio das 5 categorias pré-definidas: 1-3, 4-9, 10-40, 40-100, 100-400); não teve laços de dependência financeira ou comercial com outras editoras (tanto quanto foi possível apurar), e o tipo de distribuição foi relativamente autónoma, baseando-se nas tais listas de assinantes e rede de difusores por si estabelecida³, bem como numa rede própria, com sucursais e uma livraria (esta desde 1973), em Lisboa. Além disso, a força comercial da empresa é atestado pela existência de muitos livros com boas vendas no seu catálogo⁴ e pelo reconhecimento institucional, assente sobretudo nos convites para presença em feiras (p. e., coloniais) e nas muitas encomendas oficiais⁵ e da FCG para abastecimento das respectivas bibliotecas escolares, municipais e fixas-itinerantes. Quanto a prémios literários, não identificámos nenhum⁶ e também não conseguimos apurar se editou membros de júri de concursos ou prémios literários. Estes dados parecem-nos sintomáticos duma orientação editorial delimitada, que implicava o quase centrar no romance estrangeiro, o qual, embora integrando a tipologia literária então mais premiada em Portugal (o romance), era um subtipo não abrangido por esses mesmos prémios, destinados exclusivamente a autores portugueses (ou de língua portuguesa). Implicava

3 Lista de livrarias, associações e outras lojas, instituições públicas e fundações.

4 Não havendo dados para apurar a existência de *best-sellers*, a reconstituição do catálogo bibliográfico permitiu, ainda assim, localizar vários títulos com inúmeras reedições e/ou reimpressões.

5 Pelo município de Lisboa e por instituições ministeriais ligadas ao ensino, às colónias e às corporações.

6 Se se excluir a edição *fac-simile* de *História extraordinária de Iratan e Iracêma*, que obteve um prémio literário oficial décadas antes.

ainda a exclusão da poesia. Quanto ao capital simbólico, que Bourdieu avalia segundo as variáveis antiguidade, localização, prestígio do fundo editorial e Prémio Nobel da Literatura para autor nativo, preconiza-se que a Romano Torres alcançou igualmente uma posição intermédia. A antiguidade comprova-se pela sua origem centenária, o que a coloca num lote restrito de editoras. As sedes da empresa localizaram-se numa zona próxima do antigo centro cultural e editorial (Chiado), entre o topo do Bairro Alto e a Rua Alexandre Herculano, ao Rato. Para medir o capital simbólico acumulado, decorrente do prestígio do fundo editorial, não existe um instrumento de aferição como o índice Jurt para o caso francês⁷. Mas em vários capítulos demos exemplos de autores e obras editadas pela Romano Torres com prestígio, a partir de críticas literárias e artísticas e de estudos sobre os cânones literário e artístico; a amostra mais emblemática reside na literatura anglo-saxónica contemporânea contida na colecção «Obras escolhidas de autores escolhidos». Quanto ao peso da literatura estrangeira, ele foi marcante no caso da Romano Torres, correspondendo à categoria mais elevada definida por Bourdieu (25% > do catálogo formado por títulos traduzidos). Ademais, os textos traduzidos tinham como línguas de origem sobretudo o francês e o inglês, seguido do italiano e do castelhano, o que alinha com a relevância estratégica destas línguas no mundo (talvez estando o italiano sobre-representado) e com a orientação dos editores rivais⁸, segundo o confronto possível com catálogos bibliográficos e monografias já realizadas. No respeitante a escritores estrangeiros tributados com o Nobel da Literatura, variável que Bourdieu considera relevar mais do capital financeiro do que do simbólico (porquanto implica sobretudo capacidade de aquisição dos direitos de edição), a Romano Torres editou dois autores: o polaco Henryk Sienkiewicz (galardoado em 1905), em várias edições; e a norte-americana Pearl Buck (em 1938), mas apenas pequenas histórias na antologia *O livro das raparigas*.

A “pequena dimensão da empresa [editorial] portuguesa” não passou despercebida à associação representativa da classe, o GNEL, que ainda em 1972 a apontava como obstáculo significativo à “abordagem do mercado internacional”, leia-se, internacionalização da edição autóctene (cit. em Rendeiro, 2010 : 82, tb. 98). Essa mesma realidade persistiu até à actualidade, como fica implícito nos 84,7% de “pequenas editoras” (abaixo de 10 pessoas ao seu serviço) que predominavam em 2002 (Gomes *et al.*, 2005: 7). Contudo, havia outros obstáculos porventura mais ponderosos: a censura e o condicionamento industrial em Portugal, o protecçãoismo em mercados prioritários (como o Brasil), o próprio desinteresse dos editores, entre outros factores.

7 Lista de autores franceses contemporâneos ap. citações num *corpus* de 28 manuais de história literária, dicionários e panoramas literários pós-1945, vd. *Französischsprachige Gegenwartsliteratur 1918-1986/87*.

8 V. g., Bertrand, Guimarães, Civilização, Parceria A. M. Pereira, Sá da Costa, Livros do Brasil.

Quanto à segunda parte do presente livro, destinada a abordar o projecto que esteve na sua génese, no capítulo inicial analisou-se a estratégia seguida para a salvaguarda do arquivo histórico da Romano Torres, desde a sua higienização, passando pelo tratamento e estabelecimento de regulamento de consulta pública e plano de segurança. Um dos aspectos que consideramos mais relevante neste texto é a referência à descrição arquivística no suporte ICA-Atom, que é um suporte informático específico criado pela instituição mais habilitada para o efeito, o Conselho Internacional de Arquivos, disponibilizado em linha gratuitamente e passível de instalação na Internet para pesquisa pelos interessados. Estas vantagens, de qualidade e gratuidade (do acesso ao suporte específico, que não o da instalação no servidor informático), são estratégias para permitir desenvolver o património digital e o acesso digital às fontes de pesquisa e ao conhecimento.

No capítulo seguinte, sobre a Romano Torres na era digital, procurou-se demonstrar que o contributo do projecto académico Romano Torres para a ciência e a sociedade não se limitou à recuperação do arquivo histórico e consulta dos registos na Internet. Foi ainda criado um sítio de Internet próprio, que disponibiliza um conjunto diversificado e complementar de recursos: sistematização de fontes e estudos específicos (5 bibliografias temáticas), novas fontes históricas centradas nas fontes orais, por via da divulgação de gravações áudio de entrevistas e depoimentos de colaboradores da editora e da reprodução de testemunhos de leitores de livros da Romano Torres, base de dados contendo o catálogo bibliográfico da editora, dicionário biográfico de colaboradores, lista de editoras e seus contactos, entre outros recursos úteis. Ou seja, ao arquivo físico entretanto tratado e classificado juntámos dois arquivos digitais: a) um com digitalizações de documentos relevantes do acervo documental da editora⁹, localizado na mesma base de dados que contém os registos da documentação do arquivo histórico; b) e um arquivo digital contendo as fontes por nós criadas (gravações áudio) e as recolhidas e sistematizadas (lista de testemunhos), além dos conteúdos atrás referidos, todos acessíveis no *website* próprio.

Esta dimensão é também analisada num capítulo final, à luz da problemática da patrimonialização dos acervos documentais das editoras e restantes agentes do universo do livro. Trata-se duma questão vista segundo múltiplas incidências: impacto no avanço da pesquisa científica; democratização do acesso ao saber e à informação; definição de políticas públicas que possibilitem uma estratégia abrangente, permitindo a salvaguarda sistemática destes acervos em infra-estruturas adequadas, tanto do ponto de vista da conservação física quanto da comunicação aos interessados e da divulgação em suporte digital. Esta digressão analítica sustenta-se na análise de literatura académica relevante, partindo dela para sustentar o carácter inovador do presente projecto, em boa medida

9 Incluindo uma amostra representativa de reproduções das ilustrações originais que não integram o arquivo histórico por decisão do seu detentor. A aludida base de dados oferece ainda a possibilidade de pesquisa livre.

assente na promoção de sinergias entre distintas instituições e agentes, a qual teve dois momentos decisivos: o protocolo entre o detentor do acervo e um centro de investigação, numa primeira fase; e a parceria entre a FCSH-UNL e a Fundação Gulbenkian na criação de condições materiais e logísticas para a operacionalização do projecto em apreço.

Por fim, aproveita-se para vincar que os estudos desta segunda parte são o corolário lógico duma perspectiva de encarar o arquivo e a história: o documento só tem interesse enquanto puder ser preservado para ser conhecido, estudado e divulgado. A complexidade daí decorrente, de ligar documentos físico e digital, de ligar o documento à informação e ao conhecimento, de tratar o livro, a edição e o património na sua pluridimensionalidade, levou-nos a criar uma equipa interdisciplinar, que investiu na documentação segundos distintas competências e olhares. O conjunto de textos do presente livro são, assim, o resultado dessas distintas abordagens – da arquivística, dos estudos literários, da história sociocultural, da história da arte –, que entendemos complementarem-se para uma melhor compreensão do universo multifacetado do livro, da edição e do património.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre (1999), “Une révolution conservatrice dans l’édition”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, n.º 126-127, p. 3-28.
- GOMES, Rui Telmo, et al. (2005), *I - Um mercado de trabalho feminizado: oportunidades e constrangimentos*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- RENDEIRO, Margarida (2010 [2007]), *The literary institution in Portugal since the thirties. An analysis under special consideration of the publishing market*, Berna, Peter Lang.